



Noite de Natal na Picada

Texto e Fotos de Manuel Pedro Dias

Após um interregno, devido a factores de vária ordem, é com enorme prazer que volto ao contacto com os prezados leitores do Jornal do Exército, uma vez que há um elo que me prende a esta publicação, porquanto foi nas suas páginas que iniciei a narração da minha vivência em terras de Moçambique, onde prestei serviço militar, entre 1966 a 1968, sob a égide do Batalhão de Caçadores 1891.

Muitas foram já as histórias que escrevi ao longo dos anos, julgo que treze, descrevendo, como atrás afirmei, vários episódios que abrangeram todos os tipos de situações inerentes a quem viveu, em comunhão, no seio de uma unidade militar durante vinte e oito meses.

Posto isto, vamos então integrar-nos no episódio que me propus trazer à estampa, o qual não irá ser muito longo, uma vez que a sua acção decorreu apenas durante umas breves horas.

Há precisamente quatro décadas, portanto 1966, encontrava-me na povoação do Molumbo, a Norte do Distrito da Zambézia e quase fronteira com o Malawi.

Naquele dia de 23 Dezembro, apenas com oito meses de comissão, foi a minha secção escalada para efectuar uma das habituais patrulhas, pelo período de cinco dias, na zona de Cazimbe, a 40 quilómetros da sede da Companhia.

Os militares que constituíam o grupo, quase todos alentejanos (refira-se que a grande maioria dos atiradores da Companhia eram daquela província) abordaram-me desalentados por terem que passar o Natal no mato. Exclamavam alguns: «já que não passamos com a família ao menos podíamos ter a sorte de passá-lo na Companhia!»

Com um mal disfarçado poder de persuasão, pois também eu antevia a tristeza de passar a primeira noite de Natal ausente da família, fui dizendo que, apesar de estarmos no mato, iríamos ter também o nosso Natal, visto que havia a promessa para que no dia seguinte, 24 de Dezembro, me deslocasse à Companhia no sentido de obter alguns alimentos frescos para confeccionar na noite da consoada.

Na madrugada de 23 de Dezembro e após verificar que tudo se encontrava em ordem, a viatura, um Unimog, encetou a viagem até ao Cazimbe. Durante os primeiros quilómetros pouco se falou. Eu próprio sentia já uma redobrada nostalgia face à época natalícia que se vivia, por me encontrar, pela primeira vez, longe da família nesta quadra festiva tanto do meu agrado.

Chegados ao local do estacionamento, composto por três palhotas dispostas em redor de um pequeno terreiro, tendo este como alpendre a copa de um gigantesco imbondeiro, comecei por distribuir as várias tarefas pelo reduzido número de militares (dez). Havia que ir à água e à lenha, elementos indispensáveis para a nossa sobrevivência.

Ficou logo determinado que no dia seguinte, após o almoço, um grupo de quatro elementos, por mim chefiado, deslocar-se-ia ao Molumbo para trazer os prometidos géneros alimentícios com os quais confeccionaríamos a ementa natalícia, que se pretendia ser condizente com a data que se festejava.

A manhã acordara cinzenta. No horizonte, não se vislumbravam aqueles pequenos rombos, alvos como algodão, anunciadores do despertar do Sol. Via-se, isso sim, uma imensidão de nuvens, da cor do chumbo, prenúncio de chuva. Essa chuva que,

quando descarregava a sua fúria sobre a terra, produzia, especialmente nas picadas, efeitos nefastos já bem conhecidos de todos, apesar da curta permanência em Moçambique.

Durante o decorrer do almoço, notava-se alguma apreensão nos sorumbáticos rostos da rapaziada, uma vez que a chuva há muito tempo que ia caindo, intercalando as suas bátegas com uns tímidos raios de sol.

Desmistifiquei a situação, dando ordens aos escalonados para ocuparem os seus lugares na viatura.

Com uma saudação aos que ficaram, encetámos a marcha rumo ao Molumbo, sugerindo, entretanto, ao voluntário cozinheiro que, dentro do possível, fosse adiantando o jantar, porquanto, segundo o previsto, estaríamos no destacamento por volta das 16,30 horas daquele dia 24 de Dezembro.

Apesar da chuva, que não era intensa nem ininterrupta, a viagem até ao Molumbo decorreu razoavelmente.

No improvisado quartel da Companhia (velha prisão rudimentarmente adaptada para o efeito), pouco tempo nos demorámos, apenas o suficiente para receber a carne, “devidamente embalada”, numa saca de farinha vazia e também, por sorte, o correio que tinha chegado nesse mesmo dia.

Contrariamente ao que era habitual, consegui conter o impulso de ler de imediato as cartas recebidas. Durante o percurso teria, certamente, tempo para o fazer.

Já no Unimog, pronto para partir, adverti o condutor que efectuasse uma condução calma e muito atenta, especialmente na travessia de pequenos charcos de água que se formavam sobre o irregular piso da picada. Sobejavam motivos para tais recomendações já que o “Moura” (sua alcinha por ser natural daquela vila alentejana) era um rapaz extremamente nervoso e com muito pouca aptidão para o volante (já falei dele na crónica “Encontros Imediatos” publicada no *Jornal do Exército*).

Sensivelmente a meio do percurso, a chuva aumentou de intensidade, diria mesmo que caía copiosamente. A marcha tornou-se ainda mais lenta. Notava-se na expressão do “Moura” uma certa ansiedade que eu ia tentando suavizar com o incitamento à calma. A angústia apoderava-se secretamente do meu espírito. Os ponteiros do relógio giravam ao ritmo da chuva, céleres. Sabia, por alguma experiência adquirida, que aquela zona da picada era a mais problemática devido ao facto do piso ser bastante lamacento e muito propício, por isso, à formação de grandes poças que impediam o condutor de orientar-se.

Ao atravessar um daqueles lamaceiros, camuflados pela água da chuva, senti a viatura a resvalar em ziguezague. O “Moura” já não ouvia os



Molumbo (1966) “Porta de armas” ao fundo a velha prisão que servia de quartel

meus conselhos. Em breves fracções de segundo, desesperado, tentou resolver o problema pela pior solução, acelerando. Os outros camaradas que vinham na carroçaria, anteendo o desfecho, gritaram: - «Já temos o Natal feito!»

A viatura encontrava-se imobilizada no meio do lamaçal com o rodado da frente quase submerso nos enormes sulcos que a demasiada aceleração provocara. Perante isto, só havia duas alternativas, utilizar o guincho ou cortar alguns pequenos troncos de árvore para sustentar, com mais firmeza, o piso por onde o rodado deslizaria.

Para desespero, observámos que num raio aproximado de cem metros, não existia uma única árvore, pelo que a primeira hipótese, a do guincho, estava posta de parte. Tentámos ainda utilizar alguns ramos, extraídos de uns magros arbustos que por ali existiam, para encher os rodados da viatura, mas tais tentativas foram infrutíferas.

O desalento foi aumentando gradualmente no espírito do pessoal, pois, com o chegar da noite, a continuidade da chuva e sem jantar, não havia outra alternativa que não fosse esperar pela alvorada do dia seguinte, para tentar obter-se os tais “milagrosos” troncos de árvore que serviriam de trampolim para sair de tão ingrata como complicada situação.

Era com alguma dificuldade, embora tentasse não o demonstrar, que conseguia conciliar as ideias. Preocupava-me, sobremaneira, com os camaradas que ficaram no destacamento. O que pensariam eles? Muitos cenários imaginariam, certamente!:- Será que tiveram um acidente? Teriam ficado atascados? Ou será que se esqueceram de nós e passaram a noite de Natal no quartel? (Refira-se que naquela zona não era utilizado o habitual meio de comunicação, o rádio).



Molumbo, 2004. A velha prisão, ainda de pé, mas muito mal tratada interiormente

Entretanto e face à situação, poucas medidas havia a tomar a não ser esperar, sentados nos incômodos bancos da viatura, que o tempo e a chuva passassem. Ainda me lembrei do saco do correio que tinha trazido do Molumbo. Todavia, face à escuridão que se ia abatendo sobre nós, deixei, forçosamente, a leitura para o dia seguinte. Agora sim, pedia que os ponteiros do relógio girassem velozmente.

Já noite escura e embalado ao som da chuva que caía sobre a capa impermeável, fechei os olhos na tentativa de dormir um pouco, o que consegui face ao cansaço, o qual era mais psicológico do que físico.

Morfeu, deus da mitologia grega, como que querendo atenuar a minha angustiante “colectiva solidão”, fez prevalecer a sua habilidade de assumir quaisquer formas humanas, durante o sono, e aparecer no meu sonho transformado nas pessoas queridas:

«Sobre uma mesa, em redor da lareira, a minha mãe distende e corta com destreza a massa das filhós. Noutro canto, o meu pai, com a experiência adquirida ao longo dos anos, desempenha a missão de controlar a fritura daquela tradicional doçaria natalícia. Um pouco mais afastados da lareira eu, o meu irmão mais velho, e a minha irmã, ainda criança, observamos a cena. É um regalo verificar o enorme alguidar repleto de douradas filhós, que só há autorização para comer quando arrefecerem: - «Meninos! Não podem ainda comer que faz mal à barriga», adverte a nossa mãe. Contudo, o meu irmão, não resistindo e à sorrelfa, vai subtraindo um daqueles pequenos quadrados, com dois sulcos paralelos feitos com um utensílio próprio, já polvilhados de açúcar e canela, que reparte, embora

não o faça com a equidade desejada...

Finda esta tarefa, é posta a mesa, à volta da qual continua a noite da consoada. De quando em quando, ouve-se o crepitar do enorme madeiro, que na lareira cumpre também a sua missão natalícia, aquecer o ambiente.

O meu pensamento já está virado para a manhã do dia seguinte, há que ir dormir rapidamente. Ao acordar, dirijo-me, de imediato, com os meus irmãos, numa ânsia desmesurável, até à chaminé para desembulhar as prendas, no máximo duas e uma delas era, por vezes, um pedaço de carvão que simbolizava o castigo do Menino Jesus pelas infantis maldades praticadas ao longo do ano.

Sentados no parapeito que separa a lareira do resto da cozinha e ladeados por um pequeno pinheiro, improvisadamente decorado à circunstância, a nossa mãe vai entregando as poucas prendas deixadas pelo Pai Natal, em quem ainda acreditava. Com ansiedade e rapidez rasguei o papel da minha prenda e exclamei para os meus irmãos «Olhem o que o.....!»

«Meu furriel! Meu furriel! Acorde, já se consegue ver, vamos desatascar esta “geringonça”» - gritou um dos camaradas “daquela noite da consoada”.

Recostado no banco dianteiro, ao lado do condutor, abri os olhos lentamente. Naqueles breves segundos da transição entre o sonho e a realidade e sentindo ainda o açúcarado paladar das filhós, verifiquei que o céu recolhera a chuva, dando lugar a uma abóbada decorada com um infinito número de pequenas luzinhas, trémulas e pouco nítidas, sinal de que a aurora não tardaria. Mais além, no horizonte longínquo, uma auréola matizada anunciava que o Sol surgiria em breve com todo o

seu esplendor, prenúncio de uma límpida manhã natalícia.

Já dentro da realidade, saltei para o chão e gritei: «Feliz Natal para todos». «Que rico Natal meu furriel! Não hajam dúvidas!!», exclamaram os meus três companheiros de consoada.

«Estamos vivos, rapaziada. Daqui a dois anos já passamos com a família» exteriorizei com alguma veemência.

Com estômagos vazios, pois a última refeição ocorrera há mais de 16 horas, mas com muito ânimo, cortámos alguns pequenos troncos de árvore e empreendemos a dura tarefa de tirar a viatura daquele atoleiro, o que, a muito custo, foi conseguido cerca das cinco horas da manhã.

Felizmente que a noite fresca ajudou para que a carne, precioso manjar transferido para o almoço do dia de Natal, se mantivesse em condições de consumir-se.

Algum tempo depois chegámos ao acampamento, onde fomos recebidos com uma expectante alegria. O nosso aspecto, um tanto ou quanto “andrajoso”, barba por fazer e com a roupa cheia de lama, já meio seca, dava para perceber o que nos tinha acontecido. Aliás, os prognósticos dos camaradas que nos aguardavam eram unânimes: «Ficaram atascados de certeza. O furriel Dias não nos pregava a partida de dormir no quartel, esquecendo-se de nós!»

Depois de me inteirar da forma como tinham decorrido as coisas no destacamento durante a nossa ausência e de narrar a saga vivida nas últimas horas, qual “Pai Natal”, distribuí o correio por todos. Felizmente ninguém “lerpou” (termo usado em várias circunstâncias, uma delas era quando não se recebia correio). Aquelas cartas como se fossem um tónico revitalizador serviram para esquecer os factos ocorridos nas últimas horas.

Fez-se um silêncio no acampamento. Cada qual, recolhido no seu espaço, lia com avidez as notícias longínquas. Eu não fui excepção, recostado sobre o tronco de uma árvore abri primeiro todas as cartas, regra que utilizava desde que cheguei à Província, e passei-lhe uma leitura na diagonal para me inteirar se havia notícias não desejadas, felizmente não. Posto isto, pormenorizei então a leitura:

«Alpalhão, 18 de Dezembro de 1966

Meu querido filho, o que mais desejamos.....

..... Não imaginas quanto nos sentimos tristes ao pensar que iremos passar o primeiro Natal longe de ti. Se ao menos tivéssemos a certeza que estás bem! Mas sabendo que tu,



O Autor na picada que liga o Molumbo a Cazimbe, durante a visita que efectuou àquela localidade em 2004

mesmo que te encontres em dificuldades, só para não nos preocupares não contas a verdade, persiste, por isso, a dúvida....»

Durante o almoço, que decorreu alegremente, a certo passo alguém prognosticou: «Onde é que estaremos daqui a um ano? Talvez em zona de “porrada”! Ao menos que tenhamos a sorte de passar o Natal no quartel!».

Na verdade, assim aconteceu: a Companhia encontrava-se no Niassa (zona de intervenção). O Natal desse ano (1967) foi passado nas antigas instalações de uma velha missão, que nos servia de quartel. Refira-se, no entanto, que nas vésperas de Natal tivemos a “visita” dos guerrilheiros da Frelimo que nos presentearam com um “alegórico” e intenso “fogo de artifício” que produziu o efeito por eles desejado...

“Cazimbe, 25 de Dezembro de 1966

Meus queridos Pais

Recebi a vossa carta hoje, precisamente dia 24, foi um óptimo presente natalício, creiam.....

...Perante o que acabo de contar, relativamente ao modo como tem decorrido a minha vida em terras de Moçambique, uma vez mais vos peço, especialmente à mãe, que acreditem no que vos digo. Não dêem ouvidos a boatos alarmistas, uma vez que estes, segundo aprendi na instrução militar, “ferem como uma lâmina”. Repito, por aqui tudo a correr pelo melhor.....»□□

Nota: Em 2004 o autor visitou Moçambique, nomeadamente o Molumbo. Trinta e oito anos depois voltou a pisar a picada onde viveu, sem dúvida, a mais triste noite da consoada.